

## O INCESTO<sup>1</sup>

### THE INCEST

Marli Maria Cancian Côcco<sup>2</sup>

Maria Joanete Martins da Silveira<sup>3</sup>

#### RESUMO

Incesto é a relação sexual entre pessoas consanguíneas ou afins, em que as vítimas mais freqüentes são as crianças e adolescentes e o pai aparece como principal agressor. A família na qual ocorre o incesto é normalmente disfuncional, apresenta uma estrutura rígida, patriarcal, em que o pai domina por meio da força e coerção ou, ao contrário, há uma mãe dominadora e um pai passivo e dependente. As conseqüências do incesto são imprevisíveis e se relacionam principalmente a medo, ansiedade, podendo ocorrer distúrbios físicos, psicológicos e baixo rendimento escolar. A educação sexual tem grande importância na prevenção do incesto de crianças e adolescentes, proporcionando uma compreensão do comportamento sexual humano e as maneiras de evitar abuso sexual. Os educadores também devem participar de campanhas nos meios de comunicação de massa com o objetivo de alertar crianças e adolescentes sobre abuso sexual.

**Palavras-chave:** incesto, educação sexual, pai.

#### ABSTRACT

Incest is sexual relationship among people consanguineous or kindred people, where the most frequent victims are children and adolescents; the father appears as the main aggressor. The family where the incest occurs is normally non-functional and presents a rigid structure, patriarchal; the father dominates using force and coercion or, on the contrary, the mother dominates and the father is passive and dependent. The consequences of the incest are unpredictable and are related to fear and anxiety; physical and psychological disturbances may occur as well as low school performance. Sexual education may provide the children and adolescents the necessary tools so that they can protect themselves and, at the same time, understand the issues related to sexual abuse. The teachers should support and participate in the media campaigns with the objective of alerting people in general about the sexual abuse of children and adolescents.

<sup>1</sup> Monografia.

<sup>2</sup> Curso de Especialização em Educação Sexual - UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientador.

**Key words:** incest, sexual education, father.

## INTRODUÇÃO

A razão da existência do homem, conforme o cristianismo, é a conquista da felicidade e a obtenção do reino celestial.

A felicidade, aqui, é entendida como a satisfação plena das necessidades do homem. Por isso, para que este estágio seja atingido, a pessoa deve crescer e desenvolver-se equilibradamente no campo físico, psíquico, emocional, afetivo, econômico, social e religioso. Quando algum destes campos não for satisfeito plenamente, ocorrem desequilíbrios que podem gerar as frustrações ou desvios da personalidade e, conseqüentemente, a infelicidade.

No que se refere à afetividade, a criança ainda no ventre materno, deve sentir-se aceita e receber o carinho da família. O carinho dos pais e irmãos é prova de que ela é desejada e é o começo para que ela se desenvolva equilibradamente. Após o nascimento, igualmente, e de forma mais intensa, a família deve demonstrar esta afetividade para que ela sinta que está no mundo por um desejo e, por isso, ela é importante no meio em que vive. Qualquer forma de violência para a criança pode significar uma rejeição ou uma traição. Deste modo, a violência sexual, constituiu-se num elemento traumatizante e gerador de distúrbios com conseqüências imprevisíveis à criança podendo gerar frustrações à pessoa quando adulta.

Segundo PASSETI (1995), as pesquisas mostram que é na família que ocorrem 62% dos casos de violência sexual envolvendo crianças e adolescentes. As meninas são as maiores vítimas com um percentual de 83% dos casos, o pai, em 50% dos casos, é o agressor, seguido pelo padrasto em 25%. No caso de violência em meninos, o pai é o causador da agressão, seguido pelo padrasto e tios.

Neste contexto, o incesto pode, inclusive, representar uma das principais formas de violência sexual à criança. Por isso, a repressão e o combate deste desvirtuamento humano deve ser constante e de forma educativa integrada.

Para aprofundar os conhecimentos sobre o incesto, fez-se uma pesquisa bibliográfica enfocando os seguintes aspectos: reconhecimento do incesto, gênero e abuso sexual de crianças, conseqüências do incesto, perfil do pai incestuoso, mitos e verdades sobre incesto, filhos do incesto.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### RECONHECIMENTO DO INCESTO

O incesto é definido como uma traição de confiança por contato ou ato sexual claro ou camuflado, que pode incluir: toque, sedução ou abuso verbal, penetração, sodomia, estimulação manual, ameaça direta ou velada, prática de ato sexual, ou outras formas de abusos, entre pessoas que têm algum tipo de relação de origem biológica ou social, isto inclui: mãe, pai, avô, avô, tios (as), primos (as), padrasto, madrasta, irmãos (ãs), qualquer pessoa conhecida ou estranha com alguma forma de poder sobre a criança.

Entende-se ainda por incesto as relações sexuais entre pessoas consanguíneas ou afins, ou seja, são pessoas impedidas, proibidas pela lei, pela religião ou pelos costumes de contraírem matrimônio entre si. Assim, verifica-se que a interdição das relações incestuosas existem em todos os tipos de sociedades humanas.

Desta forma violação do tabu do incesto é quase sempre vista com horror não só pela sociedade, mas também pelas próprias pessoas que a praticam.

No Brasil, o incesto não é considerado um crime autônomo, mas como um "agravante" de crime sexual. O artigo 226 do Código Penal Brasileiro estabelece aumento de um quarto da pena nesses casos.

Professores e profissionais da saúde, principalmente, têm a obrigação legal de denunciar o abuso sexual. Sendo o local apropriado para se fazer a denúncia o Conselho Tutelar do município.

Entretanto, para que se levantem suspeitas sobre uma relação incestuosa, é necessário que se tenha conhecimento e clareza das características que podem revelar este tipo de relacionamento. A presença de três ou quatro das características a seguir são indícios para uma investigação, segundo IMOLADAS (1997):

- pai alcoólatra ou violento;
- pai desconfiado, autoritário, excessivamente puritano;
- pais que tenham relação sexual perturbada ou inexistente;
- pai que fica muito tempo sozinho com as crianças e que assume o papel de mãe;
- pai que se opõe à entrevista de profissionais a sós com a filha;
- pais que acariciam os filhos de modo a violar a privacidade sexual, ou que exigem as carícias íntimas dos filhos;
- ciúme exagerado do pai em relação à filha adolescente, especialmente, quando ela começa a mostrar interesses por rapazes;

- pai, mãe ou ambos abusados sexualmente ou negligenciados durante a infância;
- atitude hostil e paranóica da família diante de estranhos;
- mãe passiva ausente ou incapaz de impor-se diante do pai;
- famílias onde o padrasto substitui o pai;
- filha desempenhando o papel de mãe ou que fuja de casa, com comportamento promíscuo, autodestrutivo ou que use drogas;
- crianças e adolescentes que se isolam ou que têm comportamento sexual impróprio ou precoce para a idade.

Quando o educador constatar quatro das características citadas, deve investigar o caso antes de levar ao conhecimento do Conselho Tutelar, para não prejudicar pessoas inocentes com fatos inverídicos.

Uma das teorias sobre o tabu do incesto foi formulada pelo antropólogo LÉVI-STRAUSS (1967), e apresentada nos seguintes itens:

- 1) os homens controlam politicamente a sociedade e, portanto, controlam as mulheres;
- 2) alguns homens querem acumular mulheres a fim de disporem de mão-de-obra e serviços sexuais. Outros se sentirão lesados;
- 3) para que todos os homens tenham acesso às mulheres, isto é, para que a vida social não se reduza a uma disputa constante por mulheres, é preciso reger a distribuição das mesmas;
- 4) renunciando às suas parentes próprias (que passam a ser objeto de tabu), um homem espera que os demais renunciem às parentes próximas dele, garantindo a distribuição de mulheres e, portanto, a paz entre os homens.

Segundo essa teoria, o fundamento do tabu é a troca de mulheres entre diferentes unidades sociais. As famílias, clãs, aldeias que constituem as unidades são geralmente lideradas pelo elemento masculino. Desta forma, sem a troca de mulheres, essas unidades sociais tenderiam a se isolar uma das outras, tornando inviável o surgimento de uma sociedade (uma tribo, uma nação ou algo semelhante).

Um caso típico é o chamado sistema dualista, que pode não só ser encontrado no Brasil entre os Kaingangs e os Bororós, como também na Austrália e no Ceilão.

Mas será que essa teoria da troca serve para explicar sistemas de parentesco como o nosso? Será que ela é suficiente para esclarecer a nossa concepção de incesto? LÉVI-STRAUSS (1967) distingue ainda dois tipos de estruturas de parentesco: as estruturas elementares e as estruturas complexas.

A diferença entre as duas categorias é clara. As estruturas elementares não só definem com quem um indivíduo não pode se casar, mas dizem em que subgrupo da sociedade ele deve procurar o cônjuge.

Já as estruturas complexas tem o aspecto negativo, isto é, apenas o tabu do incesto. A definição positiva do cônjuge depende de fatores bastante complexos e externos ao sistema de parentesco: posição social, vizinhança, afinidade psíquica, ou uma combinação imponderável desses fatores.

Caso se queira ter clareza sobre a nossa própria noção de incesto e sobre o sistema de parentesco, é preciso buscar a explicação num nível epistemológico mais geral que a teoria da troca. Pois esta pode ser um caso particular de uma teoria mais abrangente, que explique tanto as estruturas elementares quanto as complexas.

O tabu do incesto se baseia na necessidade de estabelecer a ordem – qualquer ordem – nas relações entre homens e mulheres. Se essa ordem se instaura por meio das oposições dos contrários, tem-se um sistema elementar. Se ela se limita a pôr os cônjuges proibidos a todos os outros subgrupos da sociedade tem-se um sistema complexo.

Édipo, personagem de uma lenda grega dramatizada por Sófocles, é arquetípica do fenômeno do incesto: ao saber que havia assassinado o pai e casado com a mãe, Édipo horrorizado consigo mesmo, arrancou os próprios olhos.

O mito de Édipo é um dos sustentáculos da análise de Freud sobre o tabu do incesto e suas implicações na vida psíquica do indivíduo. Para Freud, o complexo de Édipo é o conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança alimenta em relação aos pais.

Na forma dita positiva, o complexo apresenta-se como no mito: desejo da morte do rival, a personagem do mesmo sexo, e desejo sexual pelo progenitor de sexo oposto.

Na forma negativa, é inverso: amor pelo progenitor de mesmo sexo e ódio enciumado pelo progenitor de sexo oposto. Na realidade, essas duas formas expressam pulsões heterossexuais e homossexuais e se encontram, em graus diversos, na forma completa do complexo de Édipo.

A superação das manifestações do complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. E quando isso não ocorre, surgem os chamados neuróticos.

Porém, para alguns estudiosos, o tabu do incesto apresenta uma nuance, ou seja, tem como objetivo obrigar o casamento fora do grupo, que dessa forma, amplia-se com a inclusão de novos membros. Daí, o casamento é mais uma união de grupos do que de indivíduos.

As pessoas entre as quais essas relações sexuais são consideradas como incestuosas, variam de sociedade para sociedade. Portanto, o antropólogo Bronislaw Malinowski opina que, como a família é a instituição dentro da qual os membros de uma sociedade se socializam, não se pode permitir

que se estabeleçam relações simétricas entre pais e filhos que se sobreponham à relação tradicional recíproca de autoridade e respeito. A proibição do incesto assinala, então, a passagem, da natureza (vida dos animais, que não têm herança cultural a transmitir) para a cultura (maneira de viver peculiar ao homem) (KARDINER & PREBLE, 1964).

## **GÊNERO E ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS**

A sociedade brasileira é estruturada de acordo com três tipos de antagonismos, nutridos por processos de exploração - dominação, a saber: gênero, raça, etnia e classe social. Com efeito a categoria de gênero homens, domina – explora a categoria das mulheres, por meio de inúmeras formas de controle social que, vão desde “a mulher é rainha do lar”, até a mais extrema violência. Os brancos procedem da mesma maneira com relação aos negros e os ricos com referência aos pobres.

Pode-se agregar uma outra dimensão da vida, a fim de tornar o quadro mais rico: as diferentes etapas da vida. Os adultos detêm grande poder face às crianças e aos idosos, o que favorece a exploração – dominação.

Assim, os “poderosos” adultos não têm como se perpetuar no poder, porque há uma passagem das pessoas pelas etapas da vida. De qualquer maneira, pode-se dizer que o poder é macho, branco, rico e adulto. No caso da relação entre adultos, de um lado, e crianças e idosos, de outro, o controle é exercido temporariamente e a relação de domínio inverte-se com o passar dos anos. Então a sociedade é falocêntrica, racista, classista e adultocêntrica.

Estas são desigualdades socialmente construídas a partir de diferenças naturais, que se apresentam não como sociais, mas como naturais.

No que tange às mulheres de seu grupo familiar, o todo poderoso chefe dispõe, não raro, de seu destino sexual. Quem faz a lei, fá-la para os outros e não para si próprio. Com isso, os homens podem desobedecer às normas que regem o parentesco. E segundo este, as filhas não estão sexualmente disponíveis para seus pais. Muitas vezes, não estão ainda, sexualmente disponíveis, para nenhuma categoria de homens, por serem imaturas nos ângulos fisiológico e emocional. Não obstante, milhares delas, são utilizadas sexualmente por conhecidos, em especial, por parentes. Meninos também sofrem de abusos sexuais, mas numa escala inferior a das meninas. Para cada nove meninas vitimadas sexualmente há um menino nas mesmas condições.

O grande vilão, dentre os parentes, é o pai. Em pesquisa realizada no Município de São Paulo sobre abuso incestuoso, 71,5% dos agressores eram os próprios pais biológicos e 11,1% eram padrastos (SAFFIOTI, 1995).

Assim, segundo Saffioti, o pai e quem faz as vezes, compareceram com 82,6% do total de agressores sexuais incestuosos, os outros parentes representam percentuais bem pequenos.

Nos Estados Unidos, já se sabe que o abuso sexual ocorre em um terço das famílias, e muitas vezes, é praticado por amigos que freqüentam a casa da vítima. Mas, na maioria dos casos, é perpetrado por parentes consanguíneos, em especial o pai. Já as mulheres não teriam a ousadia de abusar de uma criança, pois com a mãe materna estabelece-se entre ela e seus filhos uma troca de prazeres. A mãe manipula o corpo da criança para lavá-la, limpá-la, vesti-la, proporcionando-lhe prazeres sexuais no sentido lato. Com o pai nada do exposto ocorre, por isso a curiosidade cresce, à medida que o corpo dos pequenos se transforma.

A paternagem poderia, portanto, senão eliminar o abuso sexual dos próprios filhos, pelo menos reduzi-lo em muito. Como o abuso decorre de uma relação de poder do adulto sobre a criança, os homens preferem meninas entre sete e oito anos, pois o domínio exercido na garota desta idade é maior do que sobre uma adolescente que, além do mais, pode engravidar. Para a criança, o pai é um herói, ou um verdadeiro deus, o que a leva a não lhe desobedecer.

Desta sorte, a criança guarda segredo da relação incestuosa, podendo durar até os quinze, dezesseis anos. Pois é, neste momento, que os conflitos entre a adolescente e o pai agudizam-se, pois a menina quer sair, conhecer outras pessoas, namorar.

Daí, o pai faz tudo para prendê-la em casa, pois sente que se ela amplia suas relações sociais, poderá revelar para outros o porquê da exagerada vigilância que sofre. Geralmente, são estas condições que levam à adolescente a romper a relação e, nem sempre, a contar a alguém o que lhe sucedeu.

A rigor, toda mãe “sabe”, de algum modo, o que acontece, porém este conhecimento é empurrado para os porões do inconsciente, onde incomoda menos. Ou ainda, esconde o conflito de si mesma, para se desobrigar de tomar uma decisão de ruptura da relação com o companheiro. Sem dúvida a mãe é a segunda vítima do incesto, quer tenha condições e coragem de denunciar o agressor, quer contemporize por razões que a vida concreta e o inconsciente explicam. Diferentemente do que se pensa, com freqüência, o abuso sexual incestuoso não decorre da tão difundida idéia de família desestruturada. Ao contrário, esta desmorona, quando em seu seio, acontece o abuso sexual, quer seus membros continuem vivendo sob o mesmo teto, quer se separem.

## CONSEQÜÊNCIAS DO INCESTO

Nas famílias em que acontece o incesto, não existe uma definição clara de papéis. O parceiro do abusador costuma ser protetor e compreensivo em relação a ele e imaturo psicologicamente. É a mãe que não vê, não escuta e não fala. Na maioria das vezes, apresentou problemas na infância, não necessariamente de abuso, mas de estruturação da personalidade. Quando é forçado a reconhecer que houve incesto, passa por sentimentos conflitantes de dor, culpa e raiva.

As seqüelas desse tipo de abuso são imprevisíveis e, independem do fato de ter ou não ocorrido estupro. As vítimas costumam se tornar adultos com forte tendência à depressão e à baixa auto-estima. Têm problemas emocionais, dificuldades de estabelecer relacionamentos e são muito inseguras. Podem manifestar problemas como disfunções sexuais, distúrbios de sono, comportamentos compulsivos e idealização do suicídio.

Freqüente, o abuso intrafamiliar não é fácil de diagnosticar, mas pode ser minimizado se professores, médicos e cada um estiver atento aos sinais de sofrimento de uma criança. A omissão, nesses casos, infelizmente, é comum. Um crime que é cúmplice da violência.

Um dos agravantes desse tipo de violência, é que ele ocorre por um tempo prolongado. Geralmente, a violência começa quando a criança tem em torno de 5 anos e, até uma relação completa se consumir, ela é manipulada, acariciada e pode sofrer vários outros tipos de abuso.

Adolescentes, que são molestados desde criança costumam carregar uma culpa enorme. Por isso, na maioria das vezes, calam-se. Uma das reações de quem sofreu incesto é apagá-lo da consciência.

Em geral, os abusadores repetem sua própria história: de vítimas transformam-se em agressores e a maioria tem dificuldade de relacionamento e baixa auto-estima.

O motivo particular de cada agressor é impossível de ser apontado, mas pesquisas mostram, que todos têm um ponto em comum: convertem a criança num triste depositário da sua agressividade.

## PERFIL DO PAI INCESTUOSO

O pai incestuoso é descrito muitas vezes por razões inconscientes como "degenerado", como um retardado mental ou como um psicótico. Na maioria das vezes, o ato incestuoso acontece sob o efeito do álcool ou como consequência de uma "demência" ou aberração do juízo e do comportamento, sendo antinatural.



Existem pais incestuosos que, aparentemente, apresentam um ajustamento social satisfatório, mantendo uma fachada patriarcal. Para eles é um direito natural, embora reconheçam sua ilegalidade.

Em alguns casos, o pai considera-se como tendo o direito de iniciação ao amor sexual, que segundo ele, far-se-á com ternura, sem brutalidade e em cujo risco a filha incorreria se tivesse relações com outros jovens. Eventualmente, este tipo de relação começa com a filha primogênita e continua com as seguintes. O pai de família incestuosa não é, ordinariamente, um “aventureiro”. Segundo GUERRA (1980), há dois tipos de pai incestuoso: o que substitui sua mulher, ou tem tendência a substituí-la por uma filha, que se torna a verdadeira companheira, com a qual contrai laços amorosos mais ou menos fortes, carregados de sensualidade ou de ternura, mais ou menos duráveis, de acordo com a estrutura mental do homem e, talvez também, da filha amante; e aquele cuja voluptuosidade, pouco aventureiro, satisfaz-se economicamente com o objeto, na medida de seu desejo, entregue a seu apetite pela sua dependência.

Apesar de seu aspecto antimoral, o primeiro tipo parece ser mais próximo da sociologia, e o segundo da patologia.

## **MITOS E VERDADES SOBRE O INCESTO**

O incesto por ser um assunto bastante polêmico e delicado, gerou e continua gerando uma série de mitos em torno de si. Daí, a necessidade de se apresentarem alguns dos mais comuns mitos, presentes hoje, na sociedade segundo IMOLADAS (1997).

Mito – o relato de crianças sobre abuso sexual é produto da fantasia infantil.

Fato – As crianças não podem relatar aquilo que não conhecem. Raramente mentem sobre terem sido submetidas a abuso, mas omitem quando coagidas.

Mito – O comportamento sedutor da criança/adolescente justifica o abuso.

Fato – O comportamento sedutor é normal na criança/adolescente e pode se intensificar em consequência do abuso. Os abusadores costumam utilizar esse argumento para justificar os seus atos. Mas os adultos são sempre responsáveis pelo seu comportamento com crianças/adolescentes.

Mito – Não é bom falar sobre o ocorrido para que o fato seja esquecido o quanto antes.

Fato – Eventos traumáticos como o abuso devem ser abordados o quanto antes, pois podem originar problemas psicossociais e transtornos psiquiátricos.

Mito – Quando não há lesões físicas, o abuso não deixa seqüelas.

Fato – O dano emocional ocorre independentemente de lesões físicas.

## FILHOS DO INCESTO

Os filhos do incesto, espalhados pelo mundo, esculpem uma das faces mais tenebrosas do abuso sexual infligido por parentes. A maioria é marcada pela lógica implacável da genética. Cerca de 80% das gestações entre parentes, conforme pesquisas realizadas na Europa e nos Estados Unidos, resultam em malformações físicas, retardo mental e alterações de metabolismo. Pelo menos 20% das gestações incestuosas são encerradas por um aborto. Há cerca de 10 mil doenças relacionadas à cópula entre parentes.

De oito crianças avaliadas pelo geneticista IMOLADAS (1997), todas apresentaram doenças e malformações por causas genéticas. Um menino de cinco anos gerado entre pai e filha não consegue falar e sofre uma degeneração progressiva dos músculos.

A outra face sórdida do incesto tem sido desnudada nas escolas especiais do Estado. Embora sem estatísticas, profissionais que trabalham com crianças com algum tipo de deficiência – principalmente mental – acreditam que elas são as vítimas preferidas de abusos sexuais. “Em famílias com vários filhos normais, é o deficiente que é escolhido para ser violado”. Os familiares abusadores escolhem o deficiente porque ele é mais vulnerável, tem poucos recursos para se comunicar e, portanto, menos condições de contar o que acontece.

Numa pesquisa realizada em uma escola de deficientes mentais da zona sul de Porto Alegre, Flores encontrou um índice de 10,9% de incesto. Este dado não é muito diferente da estatística que se encontra em adolescentes intelectualmente normais, IMOLADAS, (1997).

Ao contrário da crença geral, o incesto não aproxima os seres humanos dos animais – nem transforma o homem numa besta. A frequência de relações incestuosas entre a maioria das espécies de aves e mamíferos, conforme pesquisas na área da biologia e da genética do comportamento, é de apenas 1% a 2%. Entre os homens, não há uma medição deste tipo, mas os cientistas acreditam que pode chegar a 20%. Em algumas famílias de bichos, as fêmeas deixam de ovular quando só há parentes disponíveis para a procriação, movidas pelo instinto de que o sexo entre iguais enfraquece a espécie e reduz suas chances de sobrevivência. “O incesto é essencialmente humano é isso que parece assustar as pessoas” IMOLADAS,(1997).

Segundo o biólogo e geneticista Frota Pessoa, da USP, os casamentos, entre pessoas com laços de consanguinidade, multiplicam os riscos do

nascimento de crianças com defeitos genéticos. O risco salta de 4% nos casamentos entre não-parentes para 11% quando entre primos e para 32% entre pai e filha (LEI BRASILEIRA, 1993).

## CONCLUSÕES

O incesto destrói crianças e adolescentes em todo país, abre uma tripla de prostituição, loucura e violência, cria uma geração de meninos e meninas marcadas pela genética, violência, medo, dor, vergonha e preconceito e isso assusta os educadores.

Os crimes sexuais são cometidos em todos os níveis socioeconômicos, independente de religião, raça ou classe social. A agressão ocorre na família sendo o pai biológico o principal agressor, seguido do padrasto ou outros parentes da criança. Muitas vezes, a criança chega a buscar socorro, mas ninguém a ouve. Outros pedem para não falar por terem medo da violência contra si ou contra alguém do seu vínculo familiar ou para não gerarem conflito entre as pessoas envolvidas nesta relação, guardando silêncio e impedindo ameaças de ruptura e desintegração familiar,

A violência sexual nunca é culpa ou responsabilidade da criança. Muitas vezes acontece sem o uso da força física, pois a criança pela inocência, confia nos adultos e não identifica se é abuso ou se o afeto é assim mesmo.

A função do educador é de orientar, para que na família este quadro possa ser revertido. A ajuda à família é de fundamental importância, pois todos estão envolvidos num quadro torturante constrangedor. A educação sexual de crianças e adolescentes deve ser instituída em todas as escolas como fonte de prevenção. A criança e o adolescente devem entender o comportamento sexual humano, suas conseqüências e implicações e assim estarão preparados para se defenderem de abusos sexuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJURIAGUERRA, J. de. 1980. **Manual de psiquiatria infantil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Masson.

IMOLADAS em nome do pai, **Zero Hora**. Porto Alegre, 11 nov. 1997. p. 46 – 48, c. 1.

KARDINER, Abram; PREBLE, Edward. 1964. **Eles estudam o homem**. São Paulo: Cultrix.

LEI BRASILEIRA não considera incesto como crime “autônomo” mas agravante de crime contra os costumes. **Folha de São Paulo**. 25/04/93, p.4.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1967. **Les structures elementaires de la parenté**. Paris: Mouton.

PASSETI, Edson. 1995. **Violentados**. Criança adolescentes e justiça. São Paulo: Imaginário.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B. 1995. **Incesto**. In: SAFFIOTTI, Heleieth. **Mulheres: vigiadas e castigadas**. São Paulo: CLADEM.